

AS PERSPECTIVAS CONSTRUTIVISTAS E HISTÓRICO-CRÍTICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Fernando Wolff Mendonça¹

MARTINS, Lígia Marcia; MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; **As perspectivas construtivista e histórico-crítica sobre o desenvolvimento da escrita**. Campinas, Autores Associados. 2015 (Coleção Educação Contemporânea). 112p.

Prefaciado pelo Professor Demerval Saviani que destaca a relevância da discussão central da obra no contexto da educação brasileira, o estudo da apropriação da linguagem escrita é efetivamente um importante debate a ser realizado. Tomando por referência os principais indicadores de desempenho acadêmico dos alunos das séries iniciais, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB - 2013, Sistema de Avaliação da Educação Básica – 2007 e 2011, retrata-se as dificuldades de os alunos das escolas brasileira apropriarem-se da leitura e escrita de modo necessário. Fundadas nos documentos citados em seus estudos e com grupos de trabalho com professores alfabetizadores, elegem como necessário, esclarecer as perspectivas teóricas do construtivismo e da teoria histórico-crítica de aprendizagem da escrita, em seus referenciais filosóficos, metodológicos, de desenvolvimento, do ensino e da aprendizagem. Isto feito, explicitam as concepções de alfabetização das duas vertentes teóricas e, apresentam sínteses sobre os processos de aprendizagem da escrita em suas diferentes facetas, sugerindo alternativas para o enfrentamento das dificuldades encontradas. Firmam claramente a intenção de apoiar os professores na organização de um processo alfabetizador que leve o aluno a suas máximas potencialidades! Para isto, apresentam seu texto dividido em dois capítulos estruturais e considerações sobre o processo de alfabetização.

O Capítulo 1 – Marcos referenciais da perspectiva construtivista e da psicologia histórico cultural, está organizado de forma a abordar distintivamente dois eixos de conceitos. Primeiramente, nos fundamentos filosóficos e metodológicos, as autoras evidenciam as origens das concepções de homem e sociedade bem como as distinções metodológicas que organizam os estudos destes teóricos. Apontam as bases filosóficas de Jean Piaget no pensamento idealista de Emanuel Kant bem como o suporte de ciência no método positivista lógico-formal. Na Teoria Histórico-Cultural, estudadas por Lev S. Vigotski, A. Luria e A. Leontiev prevalece o método materialista dialético o que remete a diferentes compreensões do fenômeno psíquico que eram objetos desses grandes pesquisadores. Ressalta-se que embora as divergências teóricas coloquem esses pensadores em diferentes caminhos, ambos têm respeito pela obra do outro.

Decorrente destes caminhos percorrido, o distanciamento proposto pelas autoras também se dá na concepção da relação entre o homem e o mundo. A ‘Epistemologia Genética’ de Jean Piaget defende que a relação entre homem e meio é uma relação adaptativa, desta forma, esse autor coloca o indivíduo humano no mesmo lugar natural dos outros organismos vivos, bem como não estabelece uma distinção clara entre o ‘meio cultural’ e o ‘meio ambiente’. Já a teoria Histórico Cultural é fundada na perspectiva que o homem pelo e no trabalho, transforma a natureza, a si mesmo e outros homens, transforma-se em um ser social nas interações que faz com o ambiente. Martins e Marsiglia ressaltam que os conceitos de transformação, na Teoria Histórico Cultural, em oposição ao pensamento adaptativo da Epistemologia Genética, marcam “profundas diferenças na forma de conceber a relação sujeito e objeto, entre o indivíduo e a sociedade, entre natureza e cultura” (MARTINS e MARSIGLIA, 2015, p.17). Exemplificam, as autoras, a contradição ao analisar a relação existente entre o pensamento e a linguagem nas duas perspectivas estudadas, concluindo que as diferenças encontradas entre os fundamentos filosóficos metodológicos encaminham as teorias para diferentes concepções de desenvolvimento, ensino e aprendizagem.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Departamento de Pedagogia – Campus Regional de Cianorte.

Posteriormente em seu segundo tópico, as autoras estabelecem análise dos princípios fundamentais que organizam o desenvolvimento psíquico, os processos de aprendizagem e de ensino das teorias indicam seus caminhos opostos. Na tese de desenvolvimento psíquico de Piaget, as autoras afirmam que sua principal meta está relacionada a desvendar ‘como aprendemos’ (MARTINS e MARSIGLIA, 2015, p.26). Explicam a ideia de desenvolvimento sustentado em estágios ‘que se sucedem de forma constante para todos os sujeitos’ e ‘sempre por uma determinada forma de organização, permitindo que as estruturas conquistadas se integrem ao estágio seguinte’ (MARTINS e MARSIGLIA, 2015, p.26). Desta forma, ideias dessa natureza apoia-se na biologia o pressuposto de desenvolvimento psíquico de Piaget. Ainda destaca Piaget que, ‘a existência de uma evolução mental e a necessidade de levar-se em conta interesses e necessidades’ (Piaget, 1998 p.176) são fatores que interferem e produzem o desenvolvimento psíquico. Devido a esta posição de Piaget, sua aproximação com uma perspectiva de ensino escolanovista fica evidenciado ao afirmar que o esforço de aprender deve vir do próprio interesse do aluno, servindo o professor para ajudar no encadeamento dos processos de construção do aluno. Destaca-se, assim, o papel do professor de não conduzir o ensino, mas respeitar o aprender do aluno em seu tempo e possibilidades.

Na análise dos mesmos fundamentos na teórica histórico-cultural, as autoras destacam a importância do conceito de natureza social do desenvolvimento e o papel fundamental da educação escolar. Destacam a importância de se transmitir o conhecimento maximamente elaborado oportunizando o desenvolvimento de funções psicológicas que permitam ao indivíduo participar das mediações com a realidade social. Afirmam que o trabalho educativo do ensino é ‘produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens’ (Saviani, 2003;2008). Ressalvam que a transmissão dos conhecimentos da humanidade é fundamental para a ‘continuidade do progresso histórico’ (Leontiev, 1978). Devido a esta transmissão de conhecimentos atribuem ao professor a função de transmitir, mediar os conhecimentos de forma com que os alunos organizem seus pensamentos de forma mais elaborada. Finalizam este capítulo destacando que ‘cabe a educação escolar promover ações desenvolvimentistas, intencionalmente planejadas como atividades de estudo’ (MARTINS e MARSIGLIA, 2015, p.32) e a escrita também assume esta função.

O Capítulo 2 – Alfabetização para o construtivismo e para a psicologia histórico-cultural/pedagogia histórico-crítica, está organizado de forma a contemplar as duas correntes nominadas. Na primeira consideração sobre a alfabetização, no construtivismo, as autoras fundamentam suas análises nos estudos realizados por Ferreiro e Teberosky (1985) que, orientadas pelo pensamento de Piaget, buscam explicar a conquista da escrita pela criança. Partem seus estudos da tese de sujeito cognoscente do autor que exalta que, este sujeito ‘busca ativamente compreender o mundo que o rodeia, e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca’. Ao se levar em conta essa tese, fica implícito que o aprendizado da escrita pela criança deve ocorrer por suas próprias ações, a saber, sobre um sistema de hipóteses que ela irá constituir na sua relação com o escrever na condição de objeto de estudo. Desta forma, os desequilíbrios trazidos pela escrita colocados pelo meio, devem produzir a busca de formação de novos esquemas de assimilação e acomodação dos modos de pensar a escrita pela criança. Ferreiro e Teberosky (1985) inspiram-se no método de investigação piagetiano para desafiar as crianças a escrever palavras desconhecidas, gerando um desequilíbrio na estrutura do pensamento já organizado. Estas novas palavras seriam hipóteses novas, e devidamente estudadas sugerem, segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p.29), um ‘desenvolvimento natural da escrita’, e, os métodos de ensino podem forçar ou frear este desenvolvimento. Desse modo, as pesquisadoras naturalizam o processo de aprendizagem e não atribuem a escola o papel de oportunizar acesso aos saberes sociais. Isto coloca o professor como facilitador do processo e não em um processo de ensino efetivo da linguagem escrita.

O segundo aspecto teórico considerado pelas autoras é a alfabetização para a pedagogia histórico-crítica, fundadas na psicologia histórico-cultural. Partem as autoras dos argumentos trazidos por Luria (2006) no texto sobre ‘o desenvolvimento da escrita na criança’. Evidenciam em seu texto que a questão central da apropriação da escrita na criança está relacionada à formação da habilidade de estabelecer uma conexão psíquica entre signo e o significado da palavra. Destacam que esta é uma apropriação que remete à aprendizagem da linguagem oral e às sucessivas transformações psíquicas as quais a criança realiza em seu desenvolvimento mediado pelas experiências sociais de uso dos signos da escrita. Percorrem as transformações psíquicas trazidos por Luria, mediante o uso de figuras e quadros de apoio, onde vão evidenciando a compreensão necessária para que a função exercida pela escrita na sociedade seja mediada

pelo professor, para a organização dos modos de agir e pensar da criança. Exaltam a importância do domínio da linguagem escrita pelo professor alfabetizador que deve organizar o trabalho com a palavra escrita, desde de sua face fonética até a dimensão da constituição das ideias em frases e em textos, em um ir e vir que permita a compreensão da linguagem escrita pela criança.

Por fim, as autoras tecem considerações finais, na qual debatem sobre as contribuições existentes do método fônico, do método global, da literatura infantil e das neurociências questões sobre o processo da alfabetização. Em primeiro momento debatem a necessidade de uma apropriação da linguagem escrita como um processo integral, no qual ler interpretar e escrever deve proporcionar condições para o aprendiz formar a consciência sobre si, os outros e a sociedade, assumindo seu lugar na vida. Devido ao entendimento de que apropriar-se da linguagem escrita é em si uma nova formação psíquica, explicam que as contribuições de uma alfabetização fundada em processos silábicos ou em processos globais apenas dicotomizam e enfraquecem a formação psíquica do aluno aprendiz. Posicionam-se firmemente em apoio ao ensino da língua em suas máximas possibilidades de leitura, interpretação e escrita mediadas pelos saberes semânticos, ortográficos e fonológicos, não havendo necessidade de prevalecer um deles ao outro. Ressaltam a importância dos estudos recentes da neurociência moderna, dando destaque a neurociência da leitura, os quais revelam-se as possibilidades da atividade de leitura para a expansão da plasticidade neuronal e maiores habilidades mentais. Salientam o papel exercido pela literatura infantil, a arte literária, como expressão de linguagem que amplia e fortalece o domínio das habilidades da leitura, interpretação, imaginação e escrita da criança.

Esse trabalho das autoras assume, assim, importante papel na discussão dos processos de organização da atividade de ensino da linguagem escrita, não esgota o assunto em sua totalidade mas, proporciona elementos para o estudo e aprofundamento das questões da organização da atividade de ensino na alfabetização. Ao trazer para discussão os diversos processos de ensino desenvolvidos na escola brasileira, permitem a reflexão e a defesa da apropriação da linguagem escrita em suas máximas potencialidades de uso. Assim, esse livro é recomendado para professores pesquisadores da linguagem escrita, por ofertar elementos para a formação docente, bem como pontos importantes para o aprofundamento de estudos nos mais diversos níveis de formação acadêmica. Por sua organização didática oferece aos professores quadros de síntese, sugestões de temas e atividades de estudo para organização do ensino alfabetizador. Um ótimo material para quem busca a superação dos problemas dos processos de ensino da linguagem escrita.